

## Edição crítico-genética de três narrativas carolinianas: o caráter proverbial nos cenários do devir-fome amarela

Raffaella Andréa Fernandez<sup>1</sup>

### Nota introdutória

*Eu sou negra, a fome é amarela e dói muito.*

[...]

*E assim no dia 13 de maio eu lutava contra a escravatura atual- a fome!*

Carolina Maria de Jesus

A GÊNESE DA obra da escritora passa pelo devir-fome amarela como uma versão contrária aos excessos expelidos pelo corpo marginal como falta que gera doença, a “fome amarela”, a cor da pele da pobreza, a tombar os sonhos e as necessidades básicas desses marginais em vertigem. O devir-fome amarela, como um corpo estranho ao corpo, é pus que se torna pústula que ameaça virar um “câncer” e que precisava ser contido, como Carolina de Jesus. O tornar-se fome amarela degenerativo aparece enquanto um corpo estranho que escorre como pus, a formar pústulas repletas da falta de realização, do desejo de Ter que determina o Ser na cruel sociedade moderna, como afirma a escritora: *Estamós numa época confusa que se o homem não tiver muito dinheiro, não tem valôr para o homem.*

O processo criativo da “poeta da favela” caminha em uma captura insana que gera e que demonstra um procedimento febril rumo ao artístico: a formulação de uma poética de resíduos que é alavancada por sua natureza pústula(r), fluida, turva e purulenta, células criativas de defesa, já que, para a escritora, a literatura é uma arma. Suas narrativas emergem do chorume social malcheiroso a fermentar na criação e a incomodar essa mesma sociedade que a gerou, uma sociedade que se pretende asséptica, acostumada às aparências, a esconder debaixo do tapete aquilo que lhe pareça pueril ou cause os pruridos morais que demonstram suas infecções e toda a sorte de chagas estranhas ao organismo social bem-comportado. Mas, como expelir aquilo que não cessa de ser produzido? Como diriam Plínio Marcos e Carolina de Jesus: enquanto houver mazelas sociais a literatura por eles inventada será atual.

Carolina de Jesus, uma mulher negra e favelada, expele as pústulas em seu devir criativo ao transmutar em forma e conteúdo as pústulas do tornar-se fome amarela para muito além, mas não menos importante, das críticas à sociedade que sua escrita mobiliza. A escritora segue criando algo para dizer o não-dito (até então), a partir daquilo que é interdito. Sua escrita poética é um agente invasor que, antes inativo, passa a tomar corpo e vai requerendo vida, uma face para si.

De imediato, quando da publicação de seu romance *Pedaços da fome* (1963)<sup>2</sup>, tragicamente editado<sup>3</sup>, esta escritora contestadora, contemporânea da ditadura militar brasileira, e distante do que se esperava de um

---

<sup>1</sup> Pós-doutoranda do Programa Avançado de Cultura Contemporânea e do Programa de Literatura e Ciência, ambos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Bolsista CAPES. E-mail: raffaellafernandez@yahoo.com.br

<sup>2</sup> JESUS, Carolina Maria de. *Pedaços da fome*. São Paulo: Aquila, 1963.

“grande escritor”, precisava ser expelida – como o carneirão do furúnculo – e foi. Após as artimanhas da venalidade do mercado com seu imbatível *Quarto de despejo*: diário de uma favelada (1960) definiu nesse clássico o que é uma favela, mas sua autora não poderia ir além.

No entanto, o devir-fome amarela cresce, acumula pus e em pus torna-se pústula... Ela quer mais romance, poesia, composições musicais, peças teatrais, enfim arte. Toda uma poética feita de resíduos discursivos, gêneros literários e não literários capturados pela catadora de lixo Carolina de Jesus, que alimentava corpo e espírito com os restos recolhidos ao acaso e de pronto os reutilizava. Escrita redigida por meio de uma linguagem oculta, ocultada da língua portuguesa, a linguagem falada nas favelas, nos becos e estradas, promovendo ruído ao querer associar-se à nobreza do clássico.

Como pôde essa escritora que, passada a fama possibilitada por seu *best seller* de 1960, denominou-se uma “escritora vira-lata”, traçar linhas de fuga com refugos discursivos no enfrentamento de sua literatura-armada? Pode-se crer que foi graças ao seu devir-fome amarela.

Tais perguntas como *Ondes estaes felicidade?* (2014)<sup>4</sup>, título de um de seus contos, conflitos entre “bondade e maldade”, cidade e campo, negro e branco, e sobretudo os impasses entre o lugar social do masculino e do feminino são marcantes nas temáticas encarnadas em sua caneta cortante. A obsessão por personagens femininas que precisam lidar com o poder masculino, mas que, diferentes da própria Carolina de Jesus, ou das personagens de Machado de Assis, que, ao assumirem o poder masculino, lutam, elas sucumbem à submissão por estarem fadadas à condição inferior de um certo tipo de feminino imposto pela sociedade. Os temas são acompanhados de uma espécie de pedagogia da opressão que impõe final trágico para aqueles alimentados pela ganância, ambição e maldades, trazendo este recurso das fábulas para dentro de suas narrativas curtas como se verá em “O lenhador”.

O final trágico como castigo pela má conduta moral, característica dos incansáveis *Provérbios* (s/d)<sup>5</sup>, que inventou ou repetiu em diversos cadernos, é outro recurso fundamental em seus textos de aspecto propositivo de sentenças moralizantes<sup>6</sup>. Curiosamente, na edição de seu livro dedicado a esse gênero, não foi publicada a versão completa de uma espécie de preâmbulo que Carolina de Jesus preparou para este livro. O texto está disperso nos originais, entrecortado por uma narrativa curta sem título, mas que poderia ser intitulada de “A bondade e a maldade”, uma vez que se trata da personificação de duas qualidades humanas que determinam destinos, golpeados pela escritora quando maculados por “sentimentos primários” que dominam o ser humano.

---

<sup>3</sup> Como a própria Carolina de Jesus ressalta, ocorreram diversas modificações que prejudicaram o projeto inicial do romance que teria como título original “A Felizarda”, e ela relata o sonho de vê-lo publicado no exterior: “O moço que ia publicar mudou o livro todo, tirou as expressões bonitas, não gostei. Os americanos querem publicar mas não conseguem encontrar tradutor. Os tradutores brasileiros lá ficam cheios de importância e não querem traduzir meu livro./A Felizarda é uma moça muito rica e por isso ninguém queria casar com ela. Depois de casar com um moço pobre, viver na favela, mendigar e ser presa, o pai, um coronelão, a encontra e a leva para casa. Ela senta no piano e, relembra dos tempos de moça rica, toca valsa vienenses. O filho dela agarrado a sua saia pergunta: Mamãe quem é você?” (Jornal do Brasil, 11 dez. 1976). Matéria do Caderno de Cultura. Carolina Maria de Jesus autografa edição de bolso de “Quarto de despejo”. *Jornal do Brasil*, sábado, 11 de dezembro de 1976.

<sup>4</sup> JESUS, Carolina Maria de. *Onde estaes Felicidade?* R. Fernandez e Dinha (Orgs.). São Paulo: Me Parió Revolução, 2014.

<sup>5</sup> JESUS, Carolina Maria de. *Provérbios*. São Paulo: Luzes, s/d.

<sup>6</sup> A prática da repetição e reelaboração de uma mesma narrativa, bem como as implicações de suas variantes foram analisadas em “Vários prólogos para um *Journal de Bitita*/ Diário de Bitita ou por que editar Carolina? Cf. FERNANDEZ, Raffaella. A. Vários prólogos para um *Journal de Bitita*/Diário de Bitita ou por que editar Carolina? *Scripta*, v. 18, Belo Horizonte, 2014, p. 285-292.

Embora seja possível encontrar provérbios esparsos na poética de resíduos elaborada por Carolina de Jesus, há no Caderno 4 (FBN:MS-565 -4)<sup>7</sup> um acúmulo de diversas sentenças, algumas inventadas outras reproduzidas, e que retornam nos Cadernos 3, 4, 5 e 7 (FBN: MS-565-4) e são entrecortados pela narrativa sobre a bondade e a maldade no Caderno 3, trazendo na sua sequência mais um bloco e provérbios. No Caderno 4, encontramos outro bloco de provérbios tendo registrado na capa deste caderno uma importante sentença que parece ligar-se ao texto sobre a maldade e a bondade, e, desse modo, podemos supor ter sido criado no afã da produção dos provérbios:

A bondade e a semente são semelhantes.

A bondade produz a paz universal.

E a semente produz bons frutos.<sup>8</sup>

Este provérbio ganha destaque também por ser compreendido como uma espécie de síntese ou essência deste gênero, como também o núcleo condutor que edifica o caráter proverbial que acompanha toda a poética de resíduos inventada por Carolina de Jesus. Como observa Elena Pajaro<sup>9</sup>, existem diversos vínculos entre a escritora e elementos culturais da diáspora africana no continente americano, sobretudo no que tange às tradições africanas que valorizavam a palavra escrita. A pesquisadora identifica ligações entre Carolina de Jesus e a cultura de Cabinda<sup>10</sup>. Segundo ela, o avô da escritora, exaltado por ela e pelos vizinhos como “o Sócrates africano”, por representar a voz e a palavra sábia na antiga Sacramento (MG), era ex-escravo e seus pais vinham dessa região, “onde o exercício da formação moral e da busca do caminho reto era feito por meio de diálogos e provérbios, muitas vezes pictografados em tecidos e cerâmicas”<sup>11</sup>.

A região de Cabinda hoje luta por sua independência de Angola. Foi um Porto muito importante, entre o atual Congo e a atual Angola. Há tempos ocupada pelo povo bakongo. Sendo um Porto, muitos negros que eram capturados ou trazidos por seus sobas do interior, passaram a ser denominados cabindas, mas muitas vezes este era o registro do Porto africano de procedência. Raquel Trindade, filha de Solano Trindade, assina seu nome como “A Kambinda” e nos maracatus é um nome muito presente. O escrever proverbial, as fábulas (marcante das narrativas curtas de Carolina de Jesus), as personagens animais, com adjetivos de características humanas, ou as adivinhas estão presentes na voz e poesia dos bakongo e também dos falantes de quimbanda e de umbundu. Nesta região não existem propriamente *griots*, pois este termo vem de outras partes da África como Mali e Guiné, e vale para o oeste africano, mas há os contadores e poetas mais velhos, guardiães do sangue e da história

<sup>7</sup> Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Divisão de Informação Documental (DINF). Coleção Vera Eunice. MS 565 (rolo 4).

<sup>8</sup> FBN: MS-565-4 Caderno 4, “Provérbios, diário e texto, ‘O Brasil’”, Fotograma s/n.

<sup>9</sup> Cabinda é uma das 18 províncias da República de Angola, apesar de lutar por sua independência política. A capital da província de Cabinda é a cidade de Cabinda, também conhecida pelo nome de Tchiowa. FERNANDEZ, Raffaella. Cabeça de Papel. Entrevista cedida a Márcio Ferrari. *Revista Pesquisa Fapesp*, n. 231, São Paulo, 2015, p. 78-81.

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 78.

<sup>11</sup> “Elena, que mantém contato com pesquisadores da cultura afrodescendente nos Estados Unidos, relaciona essa preocupação quanto à firmeza de caráter com a tradição musical afro-norte-americana do *spiritual*. ‘Como os provérbios, os *spiritual* comunicam o caminho a ser seguido e lamentam os seus desvios, recriando uma ética religiosa e política que foi constantemente retomada nos discursos em prol dos direitos civis, especialmente nas décadas de 1950 e 1960’, explica Elena. O avô de Carolina era cristão e comandava a reza do terço em Sacramento, o que lhe conferia autoridade moral e proeminência na comunidade” (*Ibidem*, p. 80).

dessas comunidades africanas, assim como o era o avô de Carolina de Jesus, que não se cansava de lembrar, por exemplo, os feitos de Zumbi.

Fica evidente que esta escritora herdou, gestou e levou adiante estas características do estilo e da diáspora africana. A própria forma de ela lidar com os verbos e com a concordância nominal, por exemplo, é bem específica do povo negro. O plural no artigo e não necessariamente no substantivo: “os rechêio”, “os pequeno”, “prêtos disse”, etc.; ou inusitadamente ou talvez procurando a melhor forma do seu contrário: “o mal que o álcool lhes acarretam”, “tipos que nos fazem sofrer”, etc.

Na língua africana bantu, uma pessoa é muntu, duas pessoas ou a comunidade é grafado por bantu, desse modo, o “ntu” revela-se como sustança, o substantivo que não se altera. Nas fontes bantu, altera-se o artigo antes do substantivo, mas não o substantivo que vem depois, assim como a supressão do ditongo do modo como redige a escritora, trazendo à tona a necessária “voz do povo que faltava”, como advertem Deleuze e Guattari (1977)<sup>12</sup>, e resguardadas pelo corpo em um devir-fome amarela que fala<sup>13</sup>.

Após o provérbio supracitado e comentado, inicia-se o preâmbulo de seu livro de *Provérbios*, sustentado por reflexões, tais como a definição certa de “provérbio é antes de tudo, uma advertência em forma de contagôtas” e as implicações de seu lugar na literatura brasileira. Vale dizer que partimos da escolha dos textos inéditos ora transcritos, pensando no trajeto que os cadernos impõem, e na curiosa omissão de um de seus autoprefácios, redigido por ela, em específico para a publicação desse livro por ela idealizado. Texto este que apresenta uma interessante definição de seu processo de criação, além da irmandade do caráter proverbial, que ressoam na cercania das narrativas curtas, como no exemplo, de “O lenhador”, e que sinalizam um dos percursos ou uma das linhas de fuga traçada pelo devir-fome amarela vivenciados pelo corpo-escrita de Carolina Maria de Jesus.

Os textos a seguir são publicados a partir dos originais do espólio Carolina Maria de Jesus e estão acompanhados de notas genéticas e explicativas, a fim de situar o leitor diante do processo criativo das três narrativas elencadas.

Dado o conteúdo do preâmbulo transcrito abaixo (item 4), que faz referência ao sucesso de *Quarto de despejo*: diário de uma favelada<sup>14</sup>, bem como a datação incerta do Caderno 4, supomos que este texto tenha sido redigido para compor uma das versões de seu livro de *Provérbios* publicado em 1965, sob encomenda de uma gráfica. Além disso, é sabido que Carolina de Jesus desejava ser reconhecida como escritora de outros gêneros e pode ter escrito este prólogo no intuito de mais uma vez situar sua produção literária. O livro começou a ser redigido no Caderno 1 (MS- 565-4) junto com alguns poemas e passagens de um diário datado de 30/01/1958 até 01/12/0958. Sendo retomado no Caderno 3 (MS-565-4) com a narrativa sobre a maldade e a bondade aqui transcrita, chega finalmente até o Caderno 4 (MS-565-4) em que reúne alguns textos diarísticos datados de 1960 e 1966. Em seguida, este bloco é finalizado pela narrativa “O Brasil”. Retornam alguns provérbios esparsos no Caderno 5 (MS-565-4) em forma de “quadrinhas” e, no Caderno 7 (MS-565-4), como “Pensamentos”. É interessante notar que nesse mesmo rolo, denominado pela FBN de Miscelânea I e II, encontram-se mais dois

---

<sup>12</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

<sup>13</sup> Nessa esteira, cito Antonacci quando, ao analisar o *modus operandi* de escritas que destoam daqueles documentos-textos legitimados pela epistemologia hegemônica, diz que, mesmo rarefeitos, ainda assim encontram chão em “memórias ancoradas em experiências dos que só têm no corpo e em suas formas de comunicação heranças de seus antepassados e marcas de suas histórias. Em contínuos desterramentos, sem construídas séries documentais, vivendo e transmitindo heranças em performances, recursos linguísticos e artísticos, povos africanos pluralizam nosso alcance de acervos históricos, monumentos e patrimônios audiovisuais, situando a necessária arqueologia de saberes orais, a ser enunciada e valorizada”. Cf. ANTONACCI, Maria A. *Memórias ancoradas em corpos negros*. São Paulo: EDUC, 2013, p.17.

<sup>14</sup> JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

“Prólogos”, o que nos leva a pensar que nesse momento Carolina de Jesus estava tentando situar suas criações e trajetória literária, além de chamar atenção para outros tipos de produção, visto que estes textos antecedem o livro de Poesia “Clíris” (título inventado por ela), bem como seu livro de provérbios. Vale notar que ela reputa um caráter pedagógico à literatura.

No item 5, lemos outra narrativa inédita de Carolina de Jesus, ancorada nas máximas da bondade e da maldade, que tematiza a conduta invariável do benfeitor que consegue fazer o mal se resignar à sua própria maldade no final da narrativa em detrimento da bondade que contagia. A personificação de adjetivações humanas é uma recorrente na escrita de Carolina de Jesus que nomeou a Felicidade como protagonista de seu conto “Onde estaes felicidade”, assim como seu romance homônimo “A Felizarda” (publicado, a contra gosto da autora como foi dito acima, em 1963 como “Pedacos da fome”). Em vez de optar pela figura de animais que poderiam vir a representar as qualidades humanas exploradas, ela opta por personificar o sentimento e trazê-lo a uma relação com seu oposto, a fim de doutriná-lo, ensiná-lo, na promoção para um mundo melhor que precisaria de uma mudança na essência da maldade.

Em seguida, a narrativa intitulada “O lenhador” demonstra outra vez o caráter proverbial ensaiado por Carolina de Jesus e que, nessa narrativa, vem acompanhado das originárias fábulas ou “histórias da caronchinha”, que ela leu durante toda sua vida, como citado ao longo de seus textos memorialísticos: “(...) comprei dois livros de histórias da caronchinha para reler as estórias que li em criança. E reviver aquela minha quadra gostosa ao lado de minha saudosa mãe. Época em que eu achava o mundo belo”<sup>15</sup>. Seu artefazer está adstrito à busca pela sabedoria e boa conduta que teria na literatura seu espaço de reflexão autodidática e beleza na condução dos atos humanos. Arte e vida não se separam nessa escrita errática, mas que interpela as posturas e os valores dos homens sob o viés do imagético que estava a seu alcance. Assim, a escrita híbrida de Carolina de Jesus abrange também, e sobretudo, o gênero fábula, embora sua tendência na diluição de fronteiras não permita um enquadramento específico em um único gênero. No texto “O lenhador”, percebemos a clara intenção de moralizar/educar, típico das fábulas, porém sem a presença dos elementos característicos dessa tipologia. Percebe-se que ela tem para si um grande ideal de ego, de vontade de ajudar as pessoas, de desejo de mudar as injustiças sociais. Como todo poeta, ela quer alcançar um ouvinte, um leitor.

### Aparato genético<sup>16</sup>

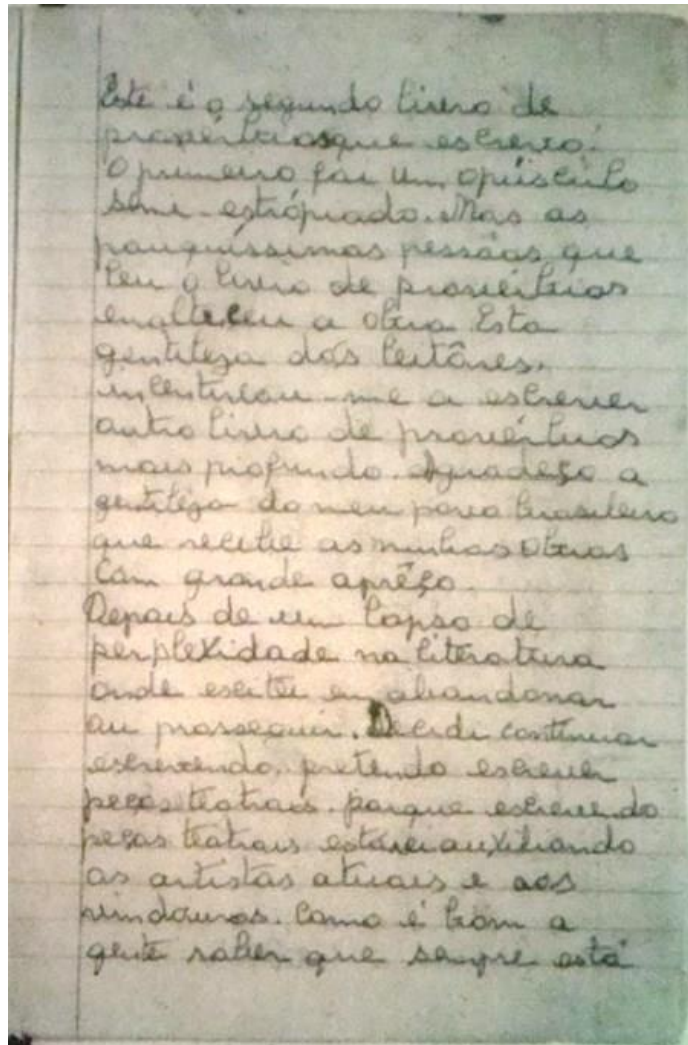
**	substituição
##	deslocamento
++	acrécimo
> <	supressão
^^	correção
= =	confirmação
\\	inversão da ordem do pensamento
@@	alteração da pontuação

<sup>15</sup> 6 de outubro de 1966, Caderno 4 “Provérbios, diário e texto ‘O Brasil’”.

<sup>16</sup> Seguimos as sugestões de Grésillon. Cf. GRÉSILLON, Almuth. *Éléments de critique génétique*. Lire les manuscrits modernes. Paris: PUF, 1994. Segue uma transcrição linear com notas explicativas. As transcrições da documentação seguiram as “normas para o estabelecimento do texto” da “Coleção Correspondência Mário de Andrade” (Edusp/IEB), definidas pela Equipe Mário de Andrade, no IEB-USP: ANDRADE, Mário de & AMARAL, Tarsila do. *Correspondência Mário de Andrade & Tarsila do Amaral*. Org., intr. e notas de Aracy Amaral. São Paulo, Edusp, 2001.

§§	repetição
[ileg.]	palavra/ oração ilegível
/	quebra de parágrafo
//	quebra de página
	numeração para indicar páginas

*Fólio do prólogo do livro de provérbios*



(FBN: MS-565 -4 Caderno 4, "Provérbios, diário e texto 'O Brasil'", Fotograma s/n)

*Transcrição linear do fac-símile*

Êste é o segundo livro de provérbios<sup>17</sup> que escrevo. O primeiro foi um opúsculo semi-estropiado. Mas as pouquíssimas pessoas que leu o livro de provérbios enalteceu<sup>18</sup> a obra. Esta gentileza dos leitores incentivou-me a escrever outro livro de provérbios mais profundo. Agradeço a gentileza do meu povo brasileiro que recebe as minhas obras com grande apreço.

Depois de um lapso de perplexidade na literatura onde exitei em abandonar ou prosseguir. Decidi<sup>19</sup> continuar escrevendo. Pretendo escrever peças teatrais porque escrevendo peças teatrais estarei auxiliando os artistas atuais e aos vindouros. Como é bom a gente saber que sempre está//<sup>20</sup> auxiliando<sup>21</sup> a humanidade. Como é bom fazer um exame de consciência e saber que não prejudicamos o próximo. Porque ser mau é fácil mas ser bom é uma arte que aprendemos a perdôar e a ignorar as ofensas. É horrível conviver com o homem da atualidade que está desumanizando-se. São impiedosas e<sup>22</sup> quando finge-se protetor de alguém, é visando interesse próprio. Estamos numa época confusa que se o homem não tiver muito dinheiro, não tem valor para o homem.

É por isso, o valor moral está desaparecendo. E o homem sem moral, está destituído. É necessário uma reforma na administração do país com o objetivo// de minorar as dificuldades que o homem encontra na sua jornada.

Porque a razão de tantos desabôres e sofrimentos neste hemisfério?

Que bom seria se o homem no decorrer de sua existência não encontrasse o sofrimento que é o causador da tristeza que o deprime e atrofia o seu ideal. Já que é o ideal o combustível do corpo humano que impulsiona o nosso espírito a lutar.

Sendo o homem a [ileg.] do universo o [ileg.] hemisfério é o seu dever polir o seu caráter fazer uma revisão nos atos, e nas suas ações com o próximo.

Como é horrível ferir// alguém na sua sensibilidade. Como é horrível deixar alguém triste, como é horrível conviver com um homem arrogante prepotente e predominador. É um tipo com o complexo de superioridade.

E a maior superioridade neste mundo é ser amável proporcionar uns momentos de alegria aos nossos semelhantes. Até os animais gostam das carícias, e são irracionalis. E o homem que tem o dom da palavra falada e escrita pode jantanciar-se de ser poderoso. Mas usar a sua força com limites para não praticar injustiças porque o tempo vence o homem, que quando exerce uma profissão, transforma-se// Completamente. O seu ego no início, ele pensa que é um governador. Depois pensa que é um ditador, pôr último quer ser semi-onipotente. Transforma-se num tirano e cai no desagrado do homem que não suporta ser teleguiado e sente uma revolta interior. Procura lutar para quebrar os grilhões, aludindo que a época da escravidão... já passou. O homem da atualidade, aceita a liberdade de pensar e agir como lhe aprás porque livre mesmo ninguém é. Há a semi-escravidão, dos deveres neste globo ovalado em que nós somos os rechêio. Onde nós devemos ficar... coesos no auxílio mútuo para predominar// um equilíbrio justo. Porque o que é justo agrada a coletividade. Nesta época que existe os grandes desequilíbrios há inúmeros casos que devem ser examinados pelos poderes publicos.

<sup>17</sup> Rasura (acréscimo), a tinta preta: (+<sup>s</sup>+).

<sup>18</sup> Rasura (confirmação), a tinta preta: (=ec=) enalteceu. Este tipo de rasura é uma constante nos textos de Carolina de Jesus, eles revelam seu empenho auto didático de (re)apropriação da norma gramatical e de correção do traço de sua caligrafia, como nesse caso, a fim de distinguir a letra e da c.

<sup>19</sup> Rasura (correção), a tinta preta: (^D^) Decidi.

<sup>20</sup> Este símbolo sinaliza a quebra de página conforme tabela.

<sup>21</sup> Rasura (confirmação), a tinta preta: (=il=) auxiliando. Distinção da letra i e l.

<sup>22</sup> Rasura (acréscimo), a tinta preta: (+<sup>e</sup>+).

É necessário que as classes divida-se: uma fração na cidade. Todos colocados trabalhando com descência ganhando um salário que lhe dê independências econômica para ir extinguindo a cleptomania do nosso povo. Para que possamos confiar uns nos outros e predominar o bem estar comum. Porque os atos de um povo fica fundido no país.

A outra fração deve ficar no campo, e produzir// porque o povo do Brasil, não tem o hábito de plantar. Não sabem utilizar nem as terras do quintal. A única coisa que os nossos homens do campo aprendem desde a infância é ingerir grandes quantidades de cachaças. Quando são adultos, são os catedráticos dos alcolatras. Passam a vida trabalhando unicamente para gastar no álcool. E eles são tão incientes que não observam o mal que o álcool lhes acarretam minando-lhes a saúde. Criam os filhós semi-primitivamente, não ensinam os filhos nem a cuidar do assêio pessóal.

Quem dirige o país são os super-intelectuais que tem um compromisso moral com o seu povo. Procurar dar-lhes// melhores<sup>23</sup> orientações ao seu povo. Um homem não deve aspirar a governar o país para deixar apenas o seu nome na história. Deve deixar boas obras para ós vindouros.

Quando um povo é arrojado, no lapso de duzentos anos o seu país já está civilizado. E o Brasil já completou 467 anos de descobrimento e ainda está semi-embrionário. Está engatinhando. Deitado eternamente em bêrço esplêndido, onde uma minoria é que tem a possibilidade de estudar. As classes privilegiadas que crescem gozando todo o confôrto e são os semi-patriotas do país. Por ser ricos infiltram-se na política// para defender interesses próprios. Fazem alusões nos seus discursos que vão trabalhar em prol da classe proletária.

Mas a classe assalariada nasce e crescem sem ter um líder para defender seus ideais

\_Qual será o futuro deste povo que crescem sem cultura e<sup>24</sup> sem aprender um ofício? Mesmo um homem capacitado encontra vários obstáculos o decorrer de sua existência onde as atribulações são imensas.

Cada homem está perdido neste turbilhão humano em que as dificuldades transforma o homem em fera. E qual é a fera mais<sup>25</sup> // feróz do que o homem, que quando se depara com um problema, mata o seu semelhante?

E o homem atual, vangloria-se que já é civilizado.

Há milênios que o homem esta lutando para construir um mundo côeso e civilizado, mas os homens que almejam a purificar as ações do homem fôram minorias que se perderam neste turbilhão. Para que haja felicidade comum é necessário que os homens que governam sejam justos. Um govêrno violento perde o afêto do seu// povo que não lhe perpetua numa esfinge ou numa rua.

Um govêrno que faz uma guerra não deixa boas impressões porque a posteridade não rende culto aos tiranos, e<sup>26</sup> aos ditadores. Não existe ruas com o nóme de Napoleão Bonaparte, Nero, Heródes, Hitler.

Um homem que vai ficar na história como persona nom grata é o presidente dos Estados Unidos nesta atualidade.

“Lindón Jolmson”.

Pôr causa da guerra do Vietnan. Que mania arbitrária dos norte americanos de//imiscuir nos litigios de outros povos.

\_Será os Estados Unidos o advogado do mundo? O tutôr do Universo? Eu não preciso bajular os Estados Unidos porque sóu preta e eles não gostam dós negros. O único nêgro que eles gostam é o petróleo.

<sup>23</sup> Rasura (acrêscimo), a tinta preta: (+<sup>s</sup>+).

<sup>24</sup> Rasura (acrêscimo), a tinta preta: (+<sup>e</sup>+).

<sup>25</sup> Rasura (confirmação), (=fera mais=). Sinalizando a caligrafia.

<sup>26</sup> Rasura (acrêscimo), a tinta preta: (+<sup>e</sup>+).

Na minha opinião, eles deveriam odiar o próprio branco que levou o negro para o seu país porque naquela época o negro eram vendidos e davam lucros porque o sonho do branco é querer ser rico. E ele passa a vida lutando para conseguir este objetivo.// E a prova disto é que estão tentando ir na lua para ver o que há por lá para ser negociado.

E o homem ainda não desbravou a terra ainda não deu condição condignas ao homem e já esta com a pretensão de dominar outros planetas. O que se gasta nas construções de veículos espaciais<sup>27</sup> poderiam empregar estas somas num auxílio mutuo minorando o sofrimento da humanidade. Se o homem está ciente que há deficiências no mundo, porque não soluciona? Porque quem pode praticar o bem e não pratica// é um egoísta. Um imaturo. Ao povo do Vietnam os meus pêsames pôr esta hecatombe que lhes abatem. Já é tempo de pôr um ponto final neste litígio tão desigual porque um país em guerra paraliza-se. Estaciona-se e as gerações que crescem nas guerras crescem neuróticas conhecendo a força brutal do homem. Se o mundo fôsse dirigido pelas mulheres será que nos proporcionariam mais felicidade?

Eu queria ser ministra da agricultura para incentivar o povo a plantar, emprestariam tratores para auxiliarem o pequeno lavradores e diminuir os preços dos// fertilizantes. Porque o nosso homem do campo encontram tantas dificuldades que estão desinteressando-se das lides da agricultura.

Se as mulheres governassem não fariam um governo abstrato. O nosso governo seria concreto porque o mundo governado pelos homens está decepcionando. Deus designou o homem para ser o líder supremo do mundo. Mas que líder que deixa muito a desejar porque existem certos homens que quando enriquecem apoiam sua força no dinheiro//

Este pequeno livro de provérbios que apresento aos meus leitores que me vem estimulando no meu ideal.// Não é uma obra fastidiosa. É um deleite para o homem atribulado da atualidade. Espero que alguns dos meus provérbios possa auxiliar alguns dos meus leitores à reflexão porque o provérbio é antes de tudo, uma advertência em forma de conta-gotas. Já que nos é dado a compreender mutuamente para ver se conseguimos chegar ao fim da jornada com descência e elegância. O saudoso André Luiz escreveu!

“Devemos tratar os familiares// Como tratamos as visitas”// Mas, infelizmente isto// Não ocorre. Quase todos// os lares tem a sua guerra

O que nos deixa maguado// E fere profundamente o coração; // As palavras do filho malcriado// Mediocre sem educação

É horrível conviver// com as pessoas arrogantes// Tipos que nos fazem sofrer// \_Todos os<sup>28</sup> instantes.

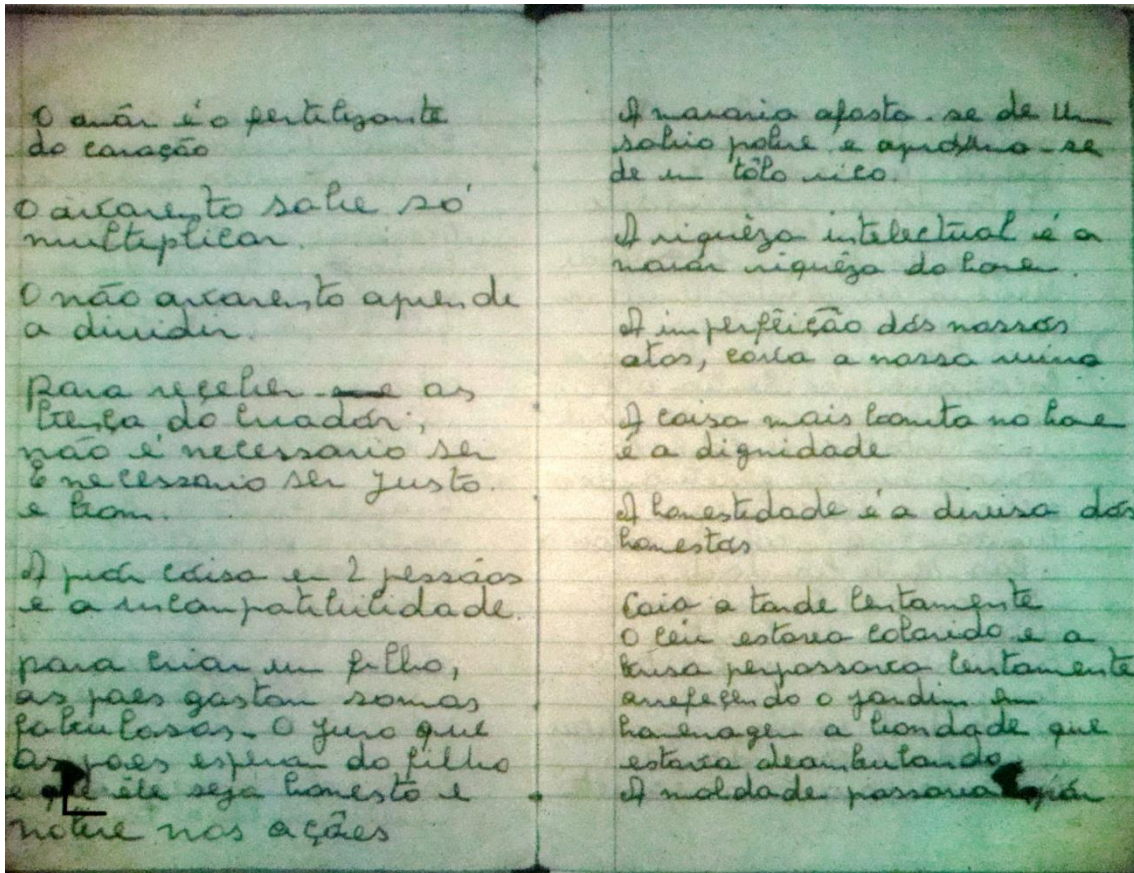
Se os pretos disse[ileg] que// não gostam da// humanidade, é com, // conhecimentos de causa

Há filhos quando adultos, // São rudes, e incultos.

*Fólio da narrativa sobre a maldade e a bondade*

<sup>27</sup> Rasura (confirmação), a tinta preta: (=iai=) espac=**iais**=. Sinalizando a distinção de letras.

<sup>28</sup> Rasura (acréscimo), a tinta preta: (+<sup>os</sup> +).



(FBN: MS-565 -4 Caderno 3, "Provérbios e texto não identificado", Fotograma s/n)

Transcrição linear do fac-símile

(...)

Caia a tarde lentamente o céu estava colorido e a brisa perpassava lentamente arrefecendo o jardim em homenagem a bondade que estava deambulando. // A maldade passaria por ali ia apressada. Mas avistando a bondade parou bruscamente. Fitando-a admirando a beleza da bondade e pensando que a bondade<sup>29</sup> deveria ser a miss universo Quis retirar-se mas encontrou dificuldade para locomover-se. Sentia o seu// corpo pesado como se fosse uma estatueta de concreto Aproximou-se e retirando o chapéu da cabeça levantou-se e cumprimentou-a

\_Boa tarde bondade: Como vai? Sempre ouvi dizer que a senhorita é lindíssima. E a senhorita comprova. A bondade sorriu e agradeceu A maldade convidou a bondade para tomar sorvete// foram. A bondade ia sorrindo para todos. A bondade tinha carro conduziu a maldade até a sua casa A maldade apreciou os gestos elegantíssimos da bondade. E assim iniciou-se amizade da bondade e da maldade. A maldade era oportunista ia fazer as refeições na residência da bondade que não reclamava. E um dia, a maldade pediu casamento a bondade e ofereceu-lhe aliança Quando a maldade ia// procura-la não encontrava-a e ficava furiosa. Sentava e esperava o retorno da bondade. Interrogava-a \_Onde foste?

\_Fui visitar as crianças enfermas que não tem cura// As que estão com paralisia infantil, e nunca vão poder jogar uma bola. Fui visitar as crianças pobres que tem desejos de // comer arroz e feijão, e carne batatinhas fritas, arroz doce e pão com manteiga e<sup>30</sup> os pais não podem comprar. Fui visitar as crianças rurais que andam três quilômetros e meio para ir a escola. E vão chorando porque cansam de andar. Sei que organizaram a semana da criança. Mas os beneficiados com a semana da criança, são as crianças da cidade que vivem com todo conforto e não são<sup>31</sup> revoltados porque não sofrem.

Fui visitar os adultos que estão nos hospitais, as mães que estão felizes na maternidade// com a chegada de um filho. As que estão tristes porque o filho nasceu e morreu. e fui visitar os operários nas fabricas.// Como você vê eu gosto de suavizar. Fui visitar os asilos onde estão os velhos que já estão aposentados do bulício do mundo. Depois fui visitar os governadores, os reis e seus ministros. Eu sou amiga sincera da humanidade. A maldade revoltou-se Já estou cansada de suportar suas tolices. Cada um com o seu problema. Repreendeu a bondade que assustou-se e chorou dizendo que não suportava as palavras rudes aludindo que os seus antepassados eram humanos e nobres// e que angariava inúmeros amigos e eram felizes. A maldade interrogou-a \_O que é ser feliz? A bondade sorriu, achando a pergunta ingenua e prontificou-se a responder -lhe

\_E ter paz de Espírito. E quem consegue isto são os que praticam o bem.

\_E você tem lucro praticando o bem?

\_Sim. Sou querida de todos E até você maldade, gosta de mim, porque sou boa

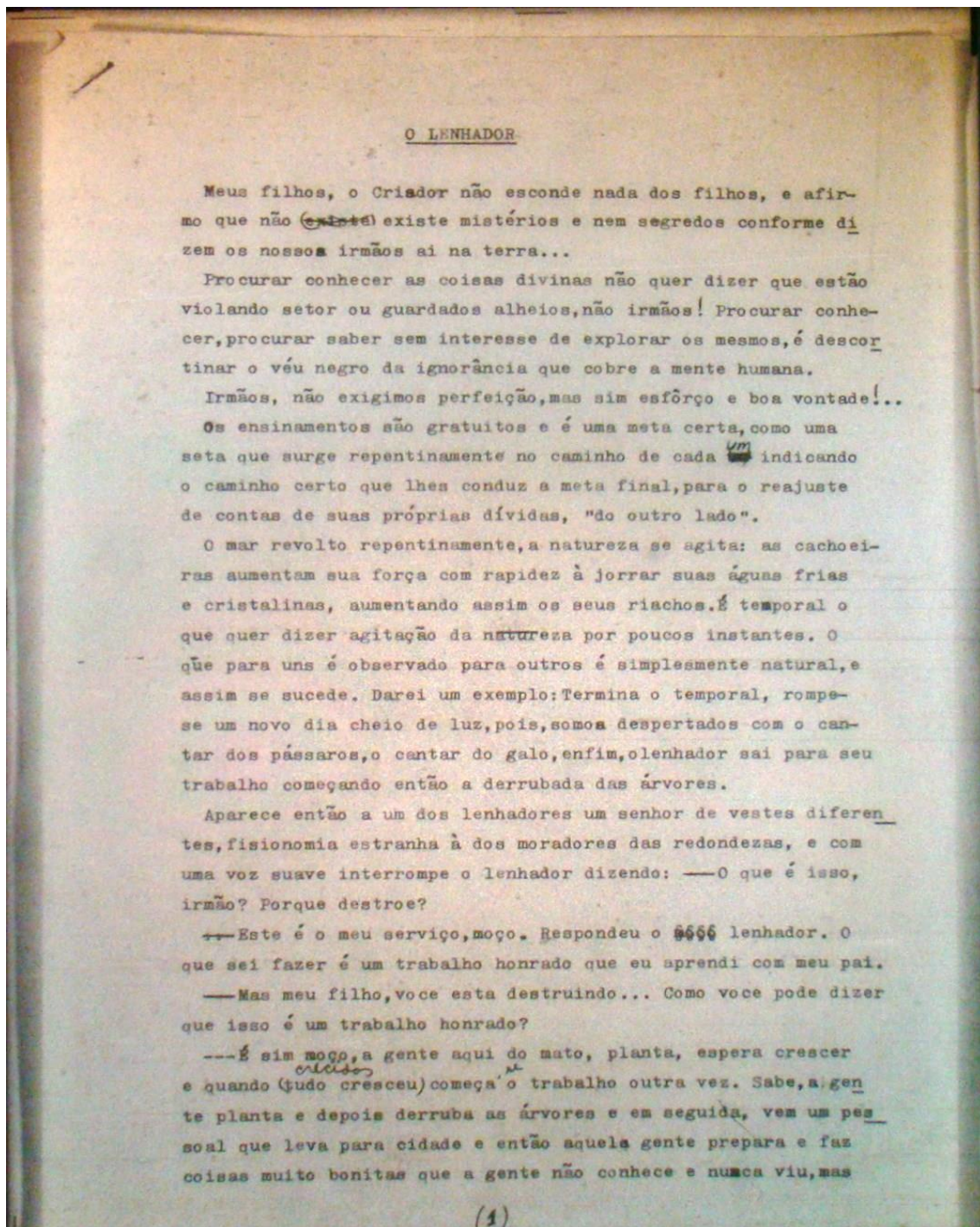
A maldade sorriu, e deu um beijo na bondade

Narrativa "O Lenhador"

<sup>29</sup> Rasura (supressão), a tinta preta: (>beleza<), seguida de rasura (acréscimo) a tinta preta: (+<sup>bondade</sup>+).

<sup>30</sup> Rasura (supressão), a tinta preta: (>não<).

<sup>31</sup> Rasura (supressão), a tinta preta: (>Fui<).



(FBN: MS-565 -4, Caderno 11, "Documentos esparsos datilografados, Fotograma s/n)<sup>32</sup>

<sup>32</sup> Segundo o Guia do acervo de Carolina Maria de Jesus, publicado no início de 2015, este texto apresenta uma "dicção sermonística, não se parece com o texto/estilo da titular. Provavelmente transcrição de texto de outro autor" (BARCELLOS, 2015, p.165). No entanto, discordamos dessa afirmação, pois a escritora registra em diversos manuscritos que seus filhos e um pároco residente ao lado de sua última residência, em Parelheiros, datilografavam parte de suas criações. Este texto pode ter sido datilografado pelo pároco, que certamente realizou correções e adequações gramaticais sobre o texto original. Acrescidas a essas evidências, não nos escapam as alterações realizadas com a grafia da escritora sobre o documento em questão.

Transcrição do fac-símile

O LENHADOR

Meus filhos, o Criador não esconde nada dos filhos, e afirmo que não existe<sup>33</sup> mistérios e nem segredos conforme dizem os nossos irmãos ai na terra...

Procurar conhecer as coisas divinas não quer dizer que estão violando setor ou guardados alheios, não irmãos! Procurar conhecer, procurar saber sem interesse de explorar os mesmos, é descontinuar o véu negro da ignorância que cobre a mente humana.

Irmãos, não exigimos perfeição, mas sim esforço e boa vontade!...

Os ensinamentos são gratuitos e é uma meta certa, como uma seta que surge repentinamente no caminho de cada um<sup>34</sup> indicando o caminho certo que lhes conduz a meta final, para o reajuste de contas de suas próprias dívidas, “do outro lado”.

O mar revolto repentinamente, a natureza se agita: as cachoeiras aumentam sua força com rapidez à jorrar suas águas frias e cristalinas, aumentando assim os seus riachos. É temporal o que quer dizer agitação na natureza<sup>35</sup> por poucos instantes. O que para uns é observado para outros é simplesmente natural, e assim se sucede. Darei um exemplo: Termina o temporal, rompe-se um novo dia cheio de luz, pois, somos despertados com o cantar dos pássaros, o cantar do galo, enfim, o lenhador sai para seu trabalho começando então a derrubada das árvores.

Aparece então a um dos lenhadores um senhor de vestes diferentes, fisionomia estranha à dos moradores das redondezas, e com uma voz suave interrompe o lenhador dizendo: -- O que é isso, irmão? Por que destroe?

--- Este é o meu serviço, moço. Respondeu o<sup>36</sup> lenhador. O que sei fazer é um trabalho honrado que eu aprendi com meu pai.

-- Mas meu filho, voce está destruindo... Como voce pode dizer que isso é um trabalho honrado?

--- É sim moço, a gente aqui do mato, planta, espera crescer e quando crescidos<sup>37</sup> começa-se<sup>38</sup> o trabalho outra vez. Sabe, a gente planta e depois derruba as árvores e em seguida, vem um peço

<sup>33</sup> Rasura (supressão), a tinta preta: {>(esiste)<}

<sup>34</sup> Rasura (acrécimo), a tinta preta: (+<sup>um</sup> +).

<sup>35</sup> Rasura (correção), a tinta preta: (^natureza^).

<sup>36</sup> Rasura (substituição), a máquina: (\*<sup>6666</sup>\*).

<sup>37</sup> Rasura (supressão), a tinta preta: {>(tudo cresceu)<}

<sup>38</sup> Rasuras (acrécimos), a tinta preta: (+<sup>crescidos</sup> +) e de (+<sup>-se</sup> +).

soal que leva para cidade e então aquela gente prepara a faz  
coisas muito bonitas que a gente não conhece e nunca viu, mas

(1)

só escutam os de falar.

--- Então, meu filho, você está satisfeito com a sua vida? Com  
o seu trabalho?

--- Sim senhor, com a graça do nosso Pai do Céu, eu estou satis-  
feito.

--- Pois bem, meu filho, você só conhece esta espécie de traba-  
lho, que é plantar, esperar crescer e derrubar, porém, hoje você  
vai aprender um trabalho diferente.

--- Mas moço, com quem eu vou <sup>39</sup> aprender esse outro trabalho, se por  
aqui só tem gente como eu e que não conhece <sup>40</sup> outro tipo de traba-  
lho?

--- Meu filho, reúna toda essa gente e traga-os aqui, eu estarei  
esperando.

--- Puxa moço, o senhor vai ficar aqui nesse matão sem nada de  
bom e sem recurso nenhum, só para ensinar <sup>41</sup> para <sup>42</sup> mim a aos  
meus companheiros e irmãos?

--- Sim filho, vá que estarei esperando.

--- Esta bem senhor, eu já vou indo, mas não vá embora agora,  
pois, foi Deus que mandou o senhor aqui <sup>43</sup>. Adeus então?  
e até lá, despediu-se o lenhador e correndo pela mata sumiu  
entre os cipós e árvores, correndo, correndo sem parar, chegando  
ao rancho do amigo Bastião, sem poder falar propositamente <sup>44</sup> caiu de joelhos e  
com o olhar para o alto ergueu suas mãos para cima em sinal

de agradecimento e tentando contar aos amigos o <sup>45</sup> que acontecera,  
porém não consegue, e, emocionando, pos-se a chorar, a chorar de  
alegria. Os amigos e irmãos ao verem o que com rapaz nunca  
tinha acontecido, pensaram que tivesse sido atacado por algum  
animal e que o seu juízo não estava bom. Juízo foi a palavra  
dada por eles.

Passada a emoção ele tentou contar aos outros o que lhe há-  
via acontecido, mas, os mesmos não lhe deram créditos e o tempo  
foi passando até que um dia o próprio rapaz ficou doente e os

<sup>39</sup> Rasuras (acréscimos), a tinta preta: (+<sup>vou</sup> +).

<sup>40</sup> Rasura (acréscimo), a tinta preta: (+<sup>não conhece</sup> +), seguida de rasura (supressão), a tinta preta: {>(desconhece)<}.

<sup>41</sup> Rasura (substituição), a máquina: (\*<sup>6666</sup>\*).

<sup>42</sup> Rasura (acréscimo), a tinta preta: (+par+).

<sup>43</sup> Rasura (substituição), a máquina: (\*<sup>6666</sup>\*).

<sup>44</sup> Rasura (acréscimo), a tinta preta: (+<sup>propositamente</sup> +).

<sup>45</sup> Rasura (acréscimo), a tinta preta: (+<sup>o</sup> +).

outros fizeram tudo que estava ao alcance deles, porém em vão. Foi então que já cansados e sem esperanças de salvá-lo, os irmãos lembraram de r-e-z-a-r e pedir proteção à Deus. O doente já enfraquecido pela doença e falta de recurso já nem se levava mais, estava mesmo um farrapo humano. Enquanto acabara de

(2)

amanhecer uns saíram para o trabalho costumeiro, outros à procura de ervas medicinais e outros a procura de caça para alimentar o doente. Repentinamente o doente acorda com um clarão em seu rosto, como um Sol invadindo o seu corpo. Ele sentiu uma

reação revigorante reabastecendo-o de energia. E olhando para os lados não conseguiu ver de onde viera toda aquela energia. Então levantou-se e de joelhos olhou para o alto e com os braços erguidos suplicou<sup>46</sup>

--- Senhor, Senhor o Senhor veio me ajudar outra vez, mas quando veio me veio me ajudar na primeira vez eu falhei<sup>47</sup>, por causa dos meus companheiros<sup>48</sup> não terem acreditado em mim, porém eu deveria ter voltado assim mesmo para contar o que havia ocorrido, reconheço agora o grande erro que cometi em não ter ido<sup>49</sup> falar com o senhor.

A essa altura eu já poderia estar com a minha vida melhorada, no entanto piorei devido a minha desobediência.

Com isso o nosso amigo lenhador aprendeu que<sup>50</sup>  
O mestre não perdoa, porém aplica novos testes dando mais oportunidades para provar a ele e aos demais o valor do chamamento.

\_\_\_\_\_ x \_\_\_\_\_

À guisa de conclusão, pode-se dizer que o projeto literário de Carolina de Jesus é marcado pela recolha de sua memória das diversas subjetividades que passaram pelo seu caminho, como a presença marcante do avô, seu Sócrates africano. Suas reflexões têm como fonte a experiência da linguagem que descreve o que vê, procurando apreender e re-apresentar histórias, sentenças, formas de estar no mundo que poderiam ser apagadas com o tempo e que encontram na linguagem proverbial um meio de interlocução entre os indivíduos. A voz do outro enquanto matriz a faz narrar e transpor para seus manuscritos a versão final de seus livros, possibilitando uma

<sup>46</sup> Rasura (substituição), a máquina: (\*6666\*).

<sup>47</sup> Rasura (substituição), a máquina: (\*6666\*).

<sup>48</sup> Rasura (acréscimo), a tinta preta: (+companheiros+).

<sup>49</sup> Rasura (acréscimo), a tinta preta: (+ido+), seguida de rasura (supressão), a tinta preta: {>(vindo)<}.

<sup>50</sup> Rasura (substituição), a máquina: (\*6666\*).

compreensão da gênese do seu pensamento e os níveis em que o desejo de ser lida pelo outro determinava sua escrita.

### Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Mário de & AMARAL, Tarsila do. *Correspondência Mário de Andrade & Tarsila do Amaral*. Organização, introdução e notas de Aracy Amaral. São Paulo, Edusp, 2001.
- ANTONACCI, Maria A. *Memórias ancoradas em corpos negros*. São Paulo: EDUC, 2013, p. 17.
- BARCELLOS, Sergio. *Vida por escrito: guia do acervo de Carolina Maria de Jesus*. Rio de Janeiro: Bertolucci, 2015.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Trad. de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- FERNANDEZ, Raffaella. A. Vários prólogos para um *Journal de Bitita*/ Diário de Bitita ou por que editar Carolina? *Scripta*, v. 18, Belo Horizonte, 2014, p. 285-292.
- \_\_\_\_\_. Cabeça de papel. Entrevista cedida a Márcio Ferrari. *Revista Pesquisa Fapesp*, n. 231, São Paulo, 2015, p. 78-81.
- GRESILLON, Almuth. *Éléments de critique génétique*. Lire les manuscrits modernes. Paris: PUF, 1994
- JESUS, Carolina Maria de. *Onde estaes Felicidade?* Organização de Raffaella Fernandez e Dinha. São Paulo: Me Parió Revolução, 2014.
- \_\_\_\_\_. *Pedaços da fome*. São Paulo: Aquila, 1963.
- \_\_\_\_\_. *Provérbios*. São Paulo: Luzes, s/d.
- \_\_\_\_\_. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

Recebido em: 8 de maio de 2017  
Aprovado em: 4 de junho de 2017